



Nº 27 - SETEMBRO 2021

REVISTA

# RECONEXÃO PERIFÉRIAS



FOTO: JORGE ARAÚJO.  
FOTOS PÚBLICAS

## Saúde mental, pandemia e periferias

Sofrimento mental  
e a população  
LGBTQIA+

Adoecimento  
psíquico é causado  
por injustiça social

AGENDA DE LUTAS SETEMBRO DE 2021

## Saúde mental, pandemia e periferias

“Ninguém está muito bem nesses dias”. Essa é uma percepção cotidiana de muita gente sobre a saúde mental das pessoas durante o período de pandemia. Somada a esse sentimento, a **Revista Reconexão Periferias** aproveita o 10 de setembro, dia mundial de prevenção ao suicídio, para fazer uma reflexão sobre saúde mental, a partir de uma perspectiva social, coletiva e das periferias.

Por muito tempo, o tema da saúde mental foi encarado como uma questão individual, e de privilégio apenas das elites. Contudo, com muita luta social, debates e diálogos, cada vez mais temos a consciência de que as periferias, as trabalhadoras e os trabalhadores, também devem ter acesso a esse direito. E mais, é justamente a condição social enquanto sujeito



FOTO: MARCELO CAMARGO / AGÊNCIA BRASIL

periférico que muitas vezes acaba por desencadear problemas psicológicos decorridos de forte sofrimento mental, por falta de vislumbrar um futuro melhor, chegando ao limite de por fim à própria vida.

Com a pandemia, casos de depressão e ansiedade aumentaram nas periferias. Principalmente entre as mulheres negras, ainda mais sobrecarregadas com os cuidados com idosos, doentes, crianças e a casa.

Pesquisa realizada pelo Observatório de Olho na Quebrada, entre os meses de junho a agosto deste ano, revela que 86% dos entrevistados relataram se sentirem deprimidos no período, 69% sentiram-se mais tensos ou agoniados e 62% afirmam que as preocupações os fizeram perder o sono. Esses são apenas alguns resultados que dão a dimensão desse problema, que somente poderá ser enfrentado com políticas públicas que garantam o direito à

**PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS** ■ **DIRETOR RESPONSÁVEL** ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ **COORDENADOR DO PROJETO** PAULO CÉSAR RAMOS ■ **EQUIPE** ISAÍAS DALLE, JAQUELINE LIMA SANTOS, JULIANA BORGES, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, SOFIA TOLEDO, VICTÓRIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ **COLABORADORES** SOLANGE GONÇALVES LUCIANO, THIAGO SILVEIRA, WEBER LOPES GÓES ■ **EDIÇÃO** LÉA MARQUES E ROSE SILVA ■ **REVISÃO** ROSE SILVA ■ **PRODUÇÃO EDITORIAL** CAMILA ROMA ■ **PROJETO GRÁFICO** CACO BISOL ■ **DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO** ALOIZIO MERCADANTE (PRESIDENTE), VÍVIAN FARIAS (VICE-PRESIDENTA), DIRETORES: ALBERTO CANTALICE, ARTUR HENRIQUE, CARLOS HENRIQUE ÁRABE, ELEN COUTINHO, JÉSSICA ITALOEMA, JORGE BITTAR E LUIZ CAETANO

saúde mental, mas também atendam às necessidades básicas dessas pessoas e suas famílias.

O atual governo federal, capitaneado por Bolsonaro, ignora por completo esse assunto, chegando ao ponto de ridicularizar pessoas que estão em sofrimento mental, ao mesmo tempo que ataca cotidianamente os poucos direitos que ainda conseguem ser acessados pelas famílias mais pobres. Derrotar esse governo é imperativo para vislumbrar um país com melhores condições sociais, incluídas aqui as questões coletivas necessárias para uma melhor saúde mental.

Em artigo, Leonardo Pinho e Ana Pitta defendem que todo cidadão brasileiro deve ter direito ao atendimento psíquico humanizado acolhedor e livre de qualquer discriminação (CF, 1988). Afirmam que há quatro décadas o Brasil iniciou uma reforma psiquiátrica antimanicomial, com grandes conquistas para os usuários do Sistema Único de Saúde.

Contudo, o que vemos agora é a derrocada da política de Saúde Mental prescrita na Lei Federal 10.216/2001 (Lei da Reforma), além de vários outros retrocessos durante esses últimos 4 anos de gestões antidemocráticas.

Filipa Brunelli, transveadora de Araraquara (SP), escreve sobre saúde mental e a população LGBTQIA+, alertando que a LGBTQIfobia é um forte fator de adoecimento mental e causa de suicídios. Ela ressalta ainda a importância da reflexão sobre o direito à existência e à integralidade de todas as vidas.

Na entrevista do mês, temos o psicólogo e pesquisador Marcos Amaral, integrante do Instituto Amma – Psique e Negritude. Marcos destaca que o adoecimento psíquico é causado pelos problemas de injustiça social à nossa volta, como desemprego, fome e falta de moradia. E ainda, refletindo o racismo e os preconceitos de toda a sorte, esses problemas são mais intensos para negros, LGBTQIA+

e para a classe trabalhadora como um todo. Para ele, a melhor terapia é a luta social.

Na sessão Novos Atores, apresentamos Bia Caminha, negra, bissexual, feminista e a vereadora mais jovem eleita em Belém (PA). Ela afirma que não existe nada mais prioritário do que defender o direito de viver. E que é urgente a construção de políticas públicas e de conscientização da população.

A seção Perfil traz a história do Grupo Anjos da Rua, que reúne voluntários na luta pelo direito a dignidade e ressocialização das pessoas em situação de rua. Para isso, oferece alimentação e outros tipos de apoio a partir das necessidades das pessoas atendidas.

Esperamos que essa edição da Revista possa contribuir para a reflexão de um tema tão importante e muitas vezes tão negado às periferias brasileiras. Viver com saúde, incluída aqui a saúde mental, é um direito, de todos, todas e todes!

Boa leitura! ■

# Saúde mental e democracia como valores universais

LEONARDO PINHO E ANA PITTA

**LEONARDO PINHO**  
É PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE MENTAL (ABRASME), DA CENTRAL DE COOPERATIVAS UNISOL BRASIL E EX-PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS.

**ANA PITTA** É DIRETORA EMÉRITA DA ABRASME E DOCENTE DA USP/UCSAL

**O artigo se propõe demonstrar que a democracia e a Constituição Brasileira são antimanicomiais. Todo cidadão tem direito ao atendimento humanizado acolhedor e livre de qualquer discriminação (CF, 1988). Há quatro décadas, iniciamos uma reforma psiquiátrica antimanicomial, com grandes conquistas para os usuários do Sistema Único de Saúde. Assistimos agora à derrocada da política de saúde mental.**

A saúde mental no Brasil caminhou durante quatro décadas por um processo de afirmação da superação do modelo asilo-manicomial, que retirava dos milhares de internados o direito à cidade e à cidadania. Tem seu DNA no processo de enunciação coletiva de trabalhadores e trabalhadoras, que lutaram contra a ditadura e em favor da democracia e que diziam que o Brasil precisava garantir a saúde como direito de todos. Dessa forma, a democracia como valor

universal, a luta intransigente por direitos humanos fundamentais, o cuidar em liberdade e a articulação com movimentos sociais e empreendimentos solidários de arte, cultura, educação, esporte, economia solidária, associados a uma boa clínica de atenção e reabilitação psicossocial, constituem a sua identidade.

Essa diversidade, esse emaranhado de corpos, eram os gritos silenciados durante décadas

por maus tratos, tortura, assassinatos, negação de opinião, organização e fala.

A reforma sanitária, a reforma psiquiátrica e a luta antimanicomial estão inseridas na luta pela democracia no Brasil desde os anos setenta e alcançaram colocar na sua Constituição que a “Saúde é direito de todos e dever do Estado”.

Sabe porque repetimos o TODO cidadão na afirmação desses direitos? Porque a reforma psiquiátrica e a luta antimanicomial levaram à luta pela afirmação de que esse direito universal fosse realmente universal, que TODO cidadão tivesse direito a saúde, mas também a educação, cultura, trabalho e cidadania. Enfim, que TODO cidadão tivesse direito à cidade.

Reafirmamos aqui que a reforma psiquiátrica e

a luta antimanicomial são termômetros da democracia, pois se os “loucos” os “drogados” são alvos de políticas públicas que os incluem na sociedade se tornam cidadãos de direitos. Ao contrário, quando há políticas que os isolam e os tiram de circulação como “indesejados”, privando-os de seu direito à cidade, é porque estamos saindo da agenda de progressividade dos direitos e caminhando para a trilha da regressividade do que foi conquistado. O Brasil, a partir do golpe de Estado de 2016, entrou em uma fase de regressividade de direitos e uma agenda de enfraquecimento democrático, com a eleição de um presidente que sempre se colocou contra a democracia, a favor da ditadura militar e da tortura.

Neste cenário de regressividade de direitos e de questionamentos à Constituição e à democracia, uma aliança heterodoxa se realizou: a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), que acusava a reforma psi-

quiátrica de ideológica e sem “ciência”, aliou-se a setores religiosos, parlamentares conservadores e neoliberais, às comunidades terapêuticas, aos hospitais psiquiátricos, para impor uma agenda de retrocessos, que se consolidou como uma contrarreforma psiquiátrica no país. Fazendo que os ecos do passado manicomial, da tortura, dos maus-tratos voltassem à cena nacional como eixo estratégico da política de saúde mental com explícita violação de direitos humanos.

A contrarreforma psiquiátrica, com seu processo de desregulamentação, “canetadas”, por meio de instrumentos infralegais, portarias e iniciativas de desconfiguração da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), fomenta o retorno dos dispositivos e da lógica manicomial (a internação, o isolamento social). Ao apostar no fortalecimento dos hospitais psiquiátricos, na valorização das internações em detrimento do cuidado comunitário, na ampliação do

financiamento público das comunidades terapêuticas e no incentivo à ambulatorização psiquiátrica, substitui a atenção psicossocial, multiprofissional e territorial prescrita na Lei Federal 10.216/2001 (Lei da Reforma).

Não se pode tolerar o “quietismo” e esperar que se mude o governo ou mesmo esperar o “melhor momento” para agir. A melhor resposta é apostar na força do ideário da reforma psiquiátrica e da luta antimanicomial e defender a ampliação dos espaços públicos de debate e mobilização, fóruns, congressos, conferências populares, fortalecimento de movimentos e entidades num processo multifacetado e plural que culmine na 5ª Conferência Nacional de Saúde Mental, em maio de 2022, com participação popular e democrática de usuários, familiares, gestores, trabalhadores de saúde, operadores do Direito, parlamentares e sociedade, comprometidos com a vida, a saúde e a democracia! ■

## Falar de suicídio entre as pessoas LGBTQIA+ é delicado, mas necessário

FILIPA BRUNELLI

FILIPA BRUNELLI  
É EX-GESTORA DE  
POLÍTICAS LGBTQIA+ E  
PRIMEIRA VEREADORA  
TRAVESTI ELEITA  
EM ARARAQUARA E  
REGIÃO CENTRO LESTE  
DE SP.



ARARAQUARA (2019) - ANTES DA PANDEMIA - FOTO: DIVULGAÇÃO

**Segundo a OMS, são registrados cerca de 12 mil suicídios todos os anos no Brasil e mais de 1 milhão no mundo. Trata-se de uma triste realidade que acomete, principalmente, os jovens, e que emite um claro alerta a toda a sociedade brasileira: falar de saúde mental é urgente e necessário.**

Sabemos que a maioria dos casos de suicídio está diretamente relacionada a doenças mentais. Em primeiro lugar, está a depressão, seguida do transtor-

no bipolar e abuso de substâncias. Desta forma, falar de suicídio é fundamental, assim como a saúde mental e os transtornos sociais que têm em suas raízes

as discriminações e o preconceito às minorias políticas.

Estamos vendo algum avanço no que diz respeito à temática das doenças mentais, com pautas em torno da problemática do suicídio debatidas com a sociedade. Porém, me incomoda que tal situação ainda esteja apresentada de forma higienista, camuflando a realidade, sem demarcar quem são as verdadeiras pessoas suscetíveis a tal violência e a real ação social que as motivou.

Falar de suicídio entre as pessoas LGBTQIA+ é delicado, mas necessário. Não podemos fechar os olhos aos crescentes casos de suicídio entre pessoas LGBT. Desta forma, se torna impossível desassociar tais mortes da LGBTfobia, pois o ato do suicídio para essas pessoas é apenas a consequência de um processo

destrutivo iniciado pelo sistema hetero-cis-normativo, que não respeita seus corpos, amores e vivências, inclusive deixando-as margens da sociedade sem nenhuma condição de ascensão.

O público LGBT tem seis vezes mais chance de cometer o ato, de acordo com a revista científica americana "Pediatrics". Ainda segundo a publicação, o risco de suicídio é 21,5% maior quando LGBT's convivem em ambientes hostis à sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Quando falamos em pessoas travestis e transexuais a problemática se aprofunda de forma exorbitante: uma pesquisa publicada em 2014 pelo Instituto William, de Los Angeles (EUA), estimou que 41% das pessoas trans já tentaram cometer suicídio. Isso é resultado de uma sociedade que tenta enquadrar os corpos na ótica de gênero construída por um padrão hegemônico.

O fato de as pessoas travestis e transexuais terem

seus direitos básicos negados, como o reconhecimento de seu nome, de sua identidade, o direito ao mercado de trabalho formal e à conclusão de seus estudos, fora o não acesso as políticas públicas institucionais, projeta neste indivíduo um conceito de não humano, de um subsujeito, o que desvaloriza a integralidade deste ser e faz com que sua vida passe a ser algo facilmente descartável.

A LGBTfobia em nosso país acontece dentro e fora de casa, sendo a principal razão para os suicídios LGBT's. O conceito de padronização de família já é um fator inicial para exercer a cultura hetero-cis-normativa, que se constitui nos lares e nos outros meios sociais, resultando na condução social das crianças ao padrão sexual e reprodutivo, o que podemos chamar de heterossexualidade compulsória, de maneira que esses indivíduos venham a entender que qualquer desvio do caminho apresentado e idealizado por seus familiares seja

considerado anormal, imoral e destrutivo.

No Brasil, não há um estudo amplo produzido sobre a sexualidade e suicídio. Porém, basta uma leitura breve das estatísticas para enxergar essa triste problemática. Desta forma, este artigo convida a refletir sobre o tema para que se possa defender a existência e a integralidade de todas as vidas. ■

# Adoecimento mental e suicídio: justiça social é a melhor prevenção

POR ISAÍAS DALLE



MARCOS AMARAL  
FOTO: ARQUIVO PESSOAL

**Beber um chá fitoterápico, fazer meditação, frequentar terapia. Tudo isso pode ajudar, mas não resolve. Saúde mental é um problema coletivo, e, segundo relatório recente da Organização Mundial de Saúde, o adoecimento psíquico é causado pelos problemas de injustiça social à nossa volta, como desemprego, fome, falta de moradia. Por isso, deve ser enfrentado coletivamente, no ataque a suas causas.**

O suicídio, face mais dramática do adoecimento mental, aumentou na América Latina em 17% entre os anos 2000 e 2019, enquanto na média mundial a taxa caiu 36%.

Na entrevista a seguir, o psicólogo e pesquisador Marcos Amaral, integrante do Instituto Amma – Psique e Negritude, destaca também que, refletindo o racismo e os preconceitos de toda a sorte, esses problemas são mais intensos para negros,

LGBTQIA+ e para a classe trabalhadora como um todo. Para ele, a melhor terapia é a luta social.

É possível comparar ou medir sofrimento?

Não é possível medir e comparar sofrimento. Eu acho que o ineditismo da síntese que o Instituto Amma Psique e Negritude fez ao longo desses 25 anos, e que é muito potente, é reconhecer que o racismo produz sofrimento psíquico em brancos e negros – claro que

de lugares diferentes, um pela via da dominação e o outro porque sofre racismo. Reconhecer que o racismo produz sofrimento psíquico e que seu enfrentamento é psíquico, mas é também político. A gente está no Setembro Amarelo. Em 2003, a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou um relatório reconhecendo que uma das principais causas de morte violentas no mundo é o suicídio, e isso acomete especialmente jovens de 15 a 29

anos. Agora em 2021, quase 20 anos depois, a Organização Mundial da Saúde lança um novo relatório que mostra que essa realidade pouco mudou. O suicídio ainda é uma das principais causas de morte violenta no mundo, mas há uma especificidade importante no tabuleiro: houve uma redução expressiva mundialmente, mas um aumento de 17% nas Américas, especialmente em países latino-americanos. O Ministério da Saúde fez um levantamento e entre 2011 e 2017 aumentou o número de suicídios entre jovens de 15 a 29 anos, mas existe um perfil importante a ser destacado: quase 80% deles são do sexo masculino e mais de 55% são negros. Das principais causas de morte dos jovens negros no Brasil, a mais expressiva é o homicídio, seguida pelo suicídio. Ainda falando sobre suicídio, pesquisas apontam que a população LGBT apresenta um risco maior de sofrer doenças psiquiátricas e cometer suicídio. Com



SESSÃO DE TERAPIA COLETIVA NO INSTITUTO AMMA. FOTO: DIVULGAÇÃO

isso, a gente consegue afirmar que o racismo, o nível socioeconômico, a orientação sexual e a identidade de gênero são fatores que ampliam essa vulnerabilidade.

Há várias formas de prevenir o suicídio. E aí a gente precisa tomar um certo cuidado com esses meses que têm cores, porque eles podem individualizar o cuidado de um sofrimento produzido coletivamente. O Setembro Amarelo pode representar – e isso é um equívoco – o corporativismo de determinadas classes profissionais. Quando a OMS reconhece e afirma que o suicídio é um problema de saúde pública, a gente precisa inferir que o seu

enfrentamento também é público. É claro que o sofrimento é singular, mas é também representação de um determinado tempo histórico. Eu também gosto da definição da Organização que trabalha a partir dos determinantes sociais de saúde, que têm a ver com as condições em que uma pessoa vive e trabalha. Então saúde mental são condições dignas de trabalho, são condições dignas de moradia, são condições de salubridade, de salário digno. É dizer que a saúde mental está colada na nossa vida, ela tem de ser contextualizada. E aí digo tudo isso para a gente poder pensar como é que está o Brasil neste momento, para a

gente pensar nos números horrorosos, abissais de suicídio. A gente está encarando uma agenda sem compromisso nenhum com a vida do povo brasileiro, vivendo uma crise social, política e econômica. Para enfrentar o suicídio, a gente precisa enfrentar a crise econômica, política e social, fazer um debate sobre essa crise. A OMS diz que um dos fatores de risco para suicídio, por exemplo, é acesso e permanência na educação. E há uma desigualdade de acesso entre brancos e negros em todos os níveis de ensino. Os brancos estudam mais e têm menos evasão escolar no Brasil. O IBGE vai dizer que das pessoas que evadem o sistema escolar no ensino básico, quase 80% são negros e têm parado de estudar porque precisam trabalhar.

E aí a gente precisa olhar para quais são as condições de trabalho do povo brasileiro neste momento histórico em que a CLT está completamente precarizada, em que os sindicatos têm saído do lugar de mediação entre o tra-

balhador e o empregador. Não dá para falar sobre saúde mental sem discutir a realidade que produz o processo de adoecimento mental. Eu lembro que a gente viveu um golpe no país, com a queda da presidenta Dilma Rousseff, e, no dia seguinte ao golpe, o governo Michel Temer conseguiu aprovar a PEC da morte, a emenda constitucional que congelou durante 20 anos o investimento, especialmente em saúde e educação. A sociedade está vendo os efeitos dessa PEC acontecendo hoje, por exemplo, com o Brasil retornando ao mapa da fome da ONU. E a fome produz sofrimento psíquico. Eu me lembro do trabalho incrível, fabuloso, da Coalizão Negra por Direitos com a campanha “Se tem gente com fome, dá de comer”. Lembro também de trabalhos do MST, que faz uma discussão importante sobre reforma agrária e alimentação saudável. Essas discussões também são sobre saúde mental.

Quando dizemos de maneira figurada

que o Brasil está enlouquecendo, não estamos muito longe da realidade.

E não dá para a gente fazer essa discussão sem pensar no racismo como estruturante da realidade brasileira, porque o racismo produz sofrimento psíquico. Para enfrentar o suicídio, é preciso enfrentar o racismo. E aí o Estado brasileiro é responsável pelo adoecimento mental das pessoas. Vou dar um exemplo que escancara isso. Quando, em 2015, um carro com cinco jovens negros que saíram para comemorar o emprego de um deles foi alvejado com 111 tiros pela polícia. Esse é um recado a todo o povo negro. O racismo não só produz adoecimento, mas também mata e dá um recado ao povo negro coletivamente.

É como se o Estado dissesse: não se atreva, não comemore, não seja feliz. Pelos dados que você passa, o suicídio é uma pandemia. E não acho que a mídia trate esse tema como deveria. Acho até que esconde.

Por quê?

A mídia dá espaço para essa questão. Durante a pandemia, a gente falou muito sobre saúde mental. Mas a mídia vai apresentando saídas individualizantes: “como lidar com a minha ansiedade”, “como lidar com o estresse”, sem pensar em políticas públicas de enfrentamento a essa realidade e sem pensar no fortalecimento do SUS, que tem a rede de apoio psicossocial nos Centros de Atenção Psicossocial (CAP's), que é atenção básica, territorializada. Não sou eu que tenho que lidar sozinho com a minha ansiedade. É

preciso pensar em políticas públicas de enfrentamento à realidade que produz esse adoecimento e fortalecer o Sistema Único de Saúde.

Essa cobertura midiática que apresenta saídas individuais para a ansiedade me lembra muito a cobertura que se faz sobre a fome. Fala-se muito nas doações, na solidariedade, e não se fala na raiz da fome, o que causa a fome.

É por isso que eu acho importante a gente fazer um debate sobre saúde mental que vá à raiz dos problemas. A fome produz sofrimento

psíquico e para as pessoas deixarem de sofrer, as que estão passando fome, não resolve fazer terapia, como aparece nos grandes meios de comunicação. Tem fome, como diz a Coalizão Negra por Direitos, dá de comer. O MST vai além: alimentar, as pessoas poderem escolher comidas saudáveis. Esse debate é também sobre saúde mental.

Isso me faz lembrar uma fala da Maria Rita Kehl que diz que os movimentos sociais são um espaço terapêutico, porque lá as pessoas são ouvidas, as pessoas falam, as pessoas são recebidas. E como você dizia, a busca da superação do adoecimento mental é coletiva.

A Maria Rita Kehl tem toda razão. E a gente tem visto exemplos, apesar do estado de putrefação deste momento, muito exitosos, as manifestações em defesa da democracia pelo Fora Bolsonaro, e o quanto isso dá um gás de esperança e saúde coletiva. Acho que a expressão máxima desse momento



MARCOS AMARAL. FOTO: ARQUIVO PESSOAL

são os povos originários em Brasília lutando contra o marco temporal. Aquilo é terapêutico não só para os indígenas, é terapêutico para a esquerda brasileira, é terapêutico para as pessoas que querem a construção de uma sociedade justa. Quando a gente vê aquela movimentação de enfrentamento coletivo ao caos. Só assim é possível ter qualquer saúde mental. Só é possível coletivamente. Porque os meus problemas individuais não são produzidos por mim.

Eu queria saber se você não se sentiu desanimado em algum momento, nos últimos dois anos e meio. Eu pergunto isso inspirado por uma pergunta que o Lázaro Ramos fez pro Gilberto Gil num programa de televisão. O Gil disse: "Eu vim aqui para animar, não para desanimar".

Eu ainda não tenho a iluminação do grande Gilberto Gil para não desanimar. Eu estava dizendo antes do início da entrevista que tenho uma formação também junto aos movimentos sociais.

Eu vou dar uma resposta muito honesta e muito individual. Eu faço parte de uma geração que viveu um gap, assim, um sonho, que é a geração que fez ensino superior por causa das políticas públicas de acesso e permanência dos governos Lula e Dilma, que viu o Brasil sair do mapa da fome, enfim, e também viu isso tudo ser destruído do dia para noite. Vai dar uma volta na rua, você vai ver as pessoas morando na rua. É muito difícil lidar com isso coletivamente e tecer, fazer um esforço de construir uma sociedade justa e igualitária que vá por outro caminho. Mas tem coisas que me animam também muito, não dá só para ficar desanimado. Eu acho que a mobilização do povo brasileiro, saber da organização dos povos originários, do trabalho do MST, da Coalizão Negra por Direitos. Acho que a gente brasileira sabe fazer isso, historicamente. Desde o Quilombo dos Palmares a gente tem respondido de forma organizada ao genocídio do Estado brasileiro.

Da sua experiência de atendimento, eu queria saber como as pessoas que vivem nas periferias gostariam de ser enxergadas. E se a esquerda brasileira tem sabido enxergar e escapar aos rótulos.

Acho que vou começar de trás para frente. Os territórios periféricos são de esquerda. E historicamente se organizam coletivamente. A esquerda não é uma pessoa, é sempre uma organização. O problema é que a esquerda periférica, que é hegemonicamente negra, é criminalizada. Quais os espaços coletivos de organização das periferias? São as rodas de samba, os bailes funk, é a roda de capoeira, sumariamente criminalizados pelo Estado. A esquerda nasceu na periferia. O problema não está na esquerda, mas na branquitude que dirige a esquerda brasileira e às vezes tem pouco espaço para centralizar o debate racial na construção de projetos de país. E qualquer projeto de país que não dê centralidade ao racismo estrutural

estará fadado ao fracasso, a gente não tem dúvida.

Você dizia que as periferias são muito marcadas pela auto-organização. Isso me lembra uma entrevista com a Tereza Campello, ex-ministra do Combate à Fome, que dizia que muitas dessas experiências de auto-organização, aprofundadas durante a pandemia, deverão ser copiadas e transformadas em políticas públicas por um novo governo que seja antípoda deste que está aí. O que você acha?

A Tereza é muito perspicaz. As organizações solidárias das favelas, dos territórios periféricos das grandes e das pequenas cidades, é só por elas que as pessoas estão vivas.

Porque elas se organizaram na ausência completa do Estado. Na pandemia, era preciso medidas para reduzir os danos, a possibilidade de contaminação. Uma delas é lavar as mãos. Há lugares que não têm saneamento básico. Então há territórios que organizaram as escolas para que isso acontecesse.

Abrir as escolas para as pessoas tomarem banho, lavar as mãos, ter o mínimo de saneamento básico. A nossa organização periférica territorial é histórica e foi só por causa dela que a gente conseguiu as grandes políticas públicas do país, o SUS por exemplo. O SUS foi construído com movimentos territoriais das periferias das cidades, e é por isso que inclusive é uma política territorializada.

A superação do adoecimento mental coletivo, como você disse, é uma tarefa enorme. Mas, como a fome, há pessoas que estão precisando agora de ajuda, de um pouco de conforto. Qual a dica que você dá para quem precisa de atendimento?

Há algumas saídas. As clínicas-escolas dos cursos de psicologia têm atendimento. Agora, online a gente consegue encontrar vários espaços de atendimento em grupo ou individual. Existem os CAP's. Mas a potência neste momento está na organização coletiva, sempre. E há problemas

que não vão se resolver com terapia. A fome, o racismo, não se resolvem no consultório. Então a gente não pode descolar o cuidado em saúde mental singular – que é fundamental – de um projeto de enfrentamento ao racismo, à fome. A psicologia sozinha não faz nada. A psicologia só nos serve se ela participar da construção de um projeto de país digno, justo e solidário que aponte para a transformação social. Se ela não estiver colada aos movimentos sociais, junto aos grandes partidos políticos de esquerda na construção de políticas públicas, ela não serve. É fundamental a gente construir estratégias coletivas de enfrentamento ao suicídio. E concretamente isso é enfrentar o genocídio do povo negro brasileiro, é poder tecer projetos de vida de pleno emprego, de alimentação saudável, de reforma agrária, de respeito aos povos originários. A saúde mental das pessoas singulares só é possível se construída coletivamente. ■

## Quando novos atores entram em cena\*

BEATRIZ CAMINHA, VEREADORA NA CIDADE DE BELÉM

FOTO: DIVULGAÇÃO



**“Bia Caminha, negra, bissexual, feminista, é a vereadora mais jovem eleita em Belém”. Foi com esta chamada que a emissora de TV de maior audiência no país anunciou a chegada de Beatriz à câmara de vereadores da capital do Pará, pelo PT. Bia, como é conhecida, faz parte da geração que despertou para a ação política organizada quando começou a lutar contra o golpe que se armava sobre a ex-presidenta Dilma. Esta estudante de Arquitetura e Urbanismo, aos 22 anos, encarna o sonho do renascimento e dos novos caminhos.**

Dos seus planos para o mandato, acha que tem conseguido cumprí-los?

Eu acredito que sim. Desde o início deste mandato a gente fez um planejamento, definimos as pautas prioritárias, referentes aos direitos ao viver e à cidade, construir uma agenda neste sentido e pautar na opinião pública da cidade muitos dos temas aos quais a gente se propôs.

Entre esses planos, qual a prioridade número 1, qual considera a demanda mais urgente?

Com certeza, o direito de viver. Hoje, a gente amanheceu com a notícia de que uma jovem negra foi assassinada, vítima de feminicídio. Então, para a gente, não existe nada mais prioritário do que defender o direito das pessoas de viver. E o mais urgente é a construção de políticas públicas e de conscientização da população.

Por que você decidiu ser parlamentar? Como iniciou sua atividade política?

Eu iniciei minha atividade política na luta contra o impeachment da presidenta Dilma e decidi ser parlamentar porque o nosso grupo não se via representado nas chapas de candidatos a vereador e vereadora. E a gente entende o parlamento com instrumento de transformação da política.

Qual tem sido sua maior dificuldade até o momento no exercício do mandato? Qual o segmento social que te apoia e qual tem se oposto?

A nossa maior dificuldade aqui é conviver com a violência, pelo fato de eu ser quem eu sou: uma mulher negra, jovem, bissexual e do PT. Os segmentos que mais me apoiam são os jovens, as mulheres, são as pessoas da esquerda. E quem mais se opõe são aqueles que constroem em nosso país a política do ódio e da morte.

Em comparação com

os parlamentares mais experientes, que novidade você quer apresentar na sua forma de trabalho?

Pra gente, a política é um instrumento de luta e transformação social. Então, nosso mandato está à disposição dos movimentos sociais, das lutas sociais. Diferente dos outros mandatos de esquerda, o nosso é muito jovem, e trazemos nossa linguagem, nossas cores, as nossas narrativas, isso com certeza é uma novidade em nossa Câmara, que é muito envelhecida, tem muito branco e é muito masculina.

Conte-nos um episódio recente que tenha te marcado, positiva ou negativamente.

Recentemente, estive em uma comunidade quilombola do Rio Itacuruçá, no interior do Pará, e eu estava numa live, numa casa que fica numa comunidade ribeirinha, e uma mulher disse que queria falar comigo. Ela me disse que tem dois filhos que estavam na universidade e que me conheceram na

universidade, e que também eram quilombolas. E que quando vencemos as eleições, todos eles comemoraram na casa deles, ali, no meio do rio, muito distante de Belém, e que a nossa vitória foi uma vitória das lutas paraenses, das pessoas negras e de todos que lutam. Pra mim foi muito gratificante. Não a conhecia, não conheço os filhos dela e, mesmo assim, “nossa mandata” significa essa esperança para a juventude. Isso me marcou muito.

O que você diria para os jovens que pensam em seguir carreira política?

A participação da juventude na política é fundamental. E só faz sentido se vier com uma agenda radical de transformação da sociedade que passe pelas nossas mãos, passe pelos nossos corpos, pelas nossas lutas e pelo combate a todas as opressões. ■

# Anjos da Rua levam alimento e buscam ressocialização de pessoas em situação de rua

POR ROSE SILVA



VOLUNTÁRIOS DO GRUPO ANJOS DA RUA. FOTO: ARQUIVO PESSOAL

O Grupo Anjos da Rua surgiu em 2016, a partir de uma ação solidária de cinco amigos que se organizaram para servir pães, chocolate quente e café a pessoas em situação de rua, em uma noite fria, no Largo Treze, Zona Sul de São Paulo. Fundado por Lourdes Aparecida Pereira Lima de Mendonça e Robson Antônio Lima de Mendonça, o coletivo reúne hoje 30 voluntários de várias religiões que servem sopa a cerca de 200 pessoas, duas vezes por mês, e lutam por ressocialização e dignidade para quem vive nas ruas.

Lourdes relata que transformar aquela iniciativa pontual em uma instituição com atuação permanente foi um longo processo. “Eu fiquei muito impactada

depois daquele primeiro dia. Queria dar continuidade e não apenas fazer algo esporádico. Então comecei a ligar para o meus amigos e pedir um pote de manteiga, um

pacote de café, as pessoas perguntavam por que eu estava pedindo e assim foram aparecendo outras pessoas”.

“Quando nós começamos, eu e meu esposo,

humildemente, levando ali aquele pãozinho e café, a gente não tinha noção das coisas. Ao longo do tempo, buscamos as informações. Hoje, para fazer parte da instituição, é necessário fazer um curso de capacitação. Não temos preconceitos, respeitamos e acolhemos a todos”, conta.

“Somos um grupo de voluntários missionários, nossa madrinha é Irmã Dulce. Acreditamos no ser humano e que cada um pode reescrever em Deus sua história”, define Lourdes.

Atualmente o grupo serve a sopa, que é preparada domingo sim, domingo não na cozinha da Paróquia Nossa Senhora das Graças, com autorização do padre Néelson Crisóstomo, a partir de doações solicitadas por whatsapp pelos voluntários à sua rede de apoio.

Depois de preparada, todos comem um pouco antes de distribuí-la. “É uma sopa maravilhosa, porque o ingrediente principal é o amor. Você

não tem noção do cheiro e de quantas mãos estão ali para o preparo. É tudo com muita responsabilidade e muita higiene, com carinho”, afirma ela.

Nos meses de junho e julho, devido ao frio intenso, os Anjos da Rua se desdobraram para servir alimento toda semana. Eles também tiveram situações inesperadas, como o incêndio no prédio do Largo do Paiçandu, quando foram avisados e se sensibilizaram para atendimento das pessoas desabrigadas.

Um dos desafios e projetos do grupo é conseguir montar uma cozinha para ampliar seu trabalho. E também comprar um carro para a distribuição dos alimentos, pois hoje a entrega da sopa é feita em veículos emprestados pelos voluntários.

Além de sua atividade permanente, o GAR realiza diversas ações paralelas, como campanhas para doação de sangue, exibição de filmes, entrega de cobertores e distribuição de bolsas



LOURDES E ROBSON, FUNDADORES DO GRUPO ANJOS DA RUA. FOTO: ARQUIVO PESSOAL

contendo itens de higiene e absorventes para mulheres no dia 8 de março, no projeto “Bolsa de Mulher”. Fazem ainda um almoço de Natal para servir nas entidades beneficentes.

Lourdes afirma que a rua tem muitas situações específicas que requerem atenção. “Tem muita drogadição, alcoolismo, e a gente precisa entender a necessidade das pessoas para tentar ajudar, para que possam caminhar



VOLUNTÁRIOS DO GRUPO ANJOS DA RUA. FOTOS: ACERVO PESSOAL.

com as próprias pernas”, afirma.

“Com o crescimento, identificamos que a gente precisa de muitas coisas, pois o problema não é pontual. Entendemos que é um papel social, uma missão que a gente quer abraçar, estudar, ver de que forma pode ajudar o irmão nessa situação muito delicada, que requer olhar cuidadoso e respeito, porque senão a tendência é piorar cada vez mais”, conclui.

### Solidariedade veio do berço

Filha de Maria Odete Lau de Lima e Ismael Pereira de Lima, Lourdes nasceu na Vila Remo, bairro periférico de São Paulo. Está cursando graduação em psicologia, fazer faculdade

era um sonho antigo que só pode concretizar agora. Ela atribui aos pais, principalmente à mãe, Odete, sua inspiração para o Grupo Anjos da Rua.

“Acho que já vim carregada de muita estrutura, de muita história. A gente sempre teve uma situação financeira difícil, minha mãe muito lutadora. A minha casa era a mais pobre da rua, a mais simples, mas passei minha infância toda recebendo pessoas que pediam ajuda na minha casa. Precisando de um arroz, a gente nem tinha, ela falava que a gente tinha que dividir, que e a gente não precisava se preocupar porque Deus cuidaria do dia de amanhã”, lembra ela, que afirma ter herdado de Maria Odete o desejo de fazer o bem. ■

### Quem são os Anjos da Rua

Danilo Messias, Wagner Leme, Nayara Monteiro, Livia Boareto, Luciano Zeferino, Marcio Nagoya, Elton Costa, Inaura Rodrigues,

Selma Soares, Regiane Oliveira, Claudia Sampaio, Leonardo Alves, Michelle da Silva, Karina Custódio, Maria Helena, Selma Soares, Sandra, Ilsa, Fátima, Ana, Adriana, Gorete, Walter, Suzana, Lucilene, Dona Neusa Tia Dora e Tia Nilde, entre outros.

# Desafios e resistências das mulheres negras e da juventude indígena, negra e periférica

Desde o início de 2020, o Reconexão Periferias realiza programas para discutir os temas mais diversos relacionados à periferia e à pandemia e dialogar com organizações, coletivos e movimentos sociais de todo o país.

Durante o mês de agosto, foram realizados programas com a mesma temática das últimas edições da Revista Reconexão Periferias: “Negras, periféricas e protagonistas nas lutas” e “Vamos à luta com as juventudes!”, com participação de mulheres

negras e jovens em sua pluralidade e diversidade.

Os encontros ocorreram sempre às terças-feiras, às 17h, horário de Brasília, no [canal do youtube da Fundação Perseu Abramo](#) e na página do [Facebook](#)

**Confira as lives do mês de junho e acesse o canal da Fundação Perseu Abramo para assistir:**

Dia 03/08: Uma vereadora trans e negra na terra de Getúlio e Jango, com a Lins Robalo.

Dia 17/08: Juventude negra e periférica na Universidade e os desafios à permanência, com Pii – Diego Gonçalves, Gabriella Augusta Proença e Giovani Ramos.

Dia 31/08: A vida da juventude indígena, com Taily Terena.



## Bárbara Nagman - Maceió (AL)



FOTO: HUGO TARQU

Bárbara Nagman é uma mulher transsexual, formada em artes e moda. Sente-se artista desde que se entende por gente. Quando criança, ficava encantada com os circenses e sonhava fazer parte de toda magia que cercava as bailarinas, as performistas. Nasceu em Maceió, onde mora atualmente, mas já se aventurou por São Paulo quando mais nova. É apaixonada por sua mãe, Noêmia Correia Rocha, que sempre lhe deu apoio e é sua fã número um. A energia e disposição de sua mãe servem de inspiração para continuar na luta.

Antes dos 18 anos, foi para São Paulo fazer um curso de manequim e modelo, escondida da família, participou de um concurso de beleza em uma boate e ganhou. Começou assim sua participação em concursos de beleza e de miss. Desde então, coleciona títulos, como Garota Planos, Miss Alagoas, Miss Brasil Gay.

Ao adentrar o mundo dos concursos de beleza, não demorou para começar seu trabalho também como drag queen, em conjunto com o tratamento de hormonioterapia, assumindo sua verdadeira identidade. Continuou sua trajetória de premiações, foi Top Drag Nordeste, Top Drag Number One e agora é considerada Top Trans. Atualmente, é apresentadora oficial do grupo Trans Show, um espetáculo de mulheres transexuais e travestis que existe desde 2014.

Há quase 10 anos assume sua identidade feminina, fez retificação do nome social e utiliza o palco também como um espaço de militância. Sua relação com a política sempre se manifestou também nos palcos, em suas reivindicações e empoderamento como mulher trans. O poder da arte e da comunicação fornece possibilidade de se expressar e reivindicar direitos, e Bárbara utiliza o poder da arte e dos palcos a favor da política que defende.

É presidenta das Transexuais da cidade de Maceió pelo Grupo Gay de Maceió (GGM). Está iniciando seu caminho na política institucional, ano passado saiu como candidata a vereadora pelo PT e, mesmo não conseguindo o pleito, pretende seguir nesse caminho. Vai concorrer novamente e já recebeu convites de três partidos diferentes para candidatura como deputada. Em suas palavras “A luta está apenas começando, desistir jamais!”

Redes sociais

Instagram: @barbaranagman

## Vagner Santos - Rio de Janeiro (RJ)



FOTO: THIAGO CARDOSO

Vagner Santos é uma bicha preta e do candomblé, moradora de Nilópolis, na Baixada Fluminense (RJ). É um artista que trabalha como cabeleireiro. A arte sempre esteve presente em sua vida, desde de adolescente trabalhou com decoração de festas, fazendo lembrancinhas e artesanato em biscuit. É iniciado no candomblé há 15 anos e, nos últimos 3 anos, percebeu a importância de afirmar suas raízes também por meio

dos símbolos do Inkissis e Orixás. Desde então, participa de exposições no terreiro (#lumyjacaré)

Em feiras em Nilópolis, amparado pela lei Aldir Blanc, produziu e desenvolveu uma oficina de contação de história das esculturas que produz. Sua relação com a arte atualmente é de resistência, de valorização da cultura, da ancestralidade. Espera que um dia tenhamos orgulho da nossa cultura, desses símbolos de força.



## AGENDA DE SETEMBRO DE 2021

Tendo em vista a necessidade de permanecer em casa devido à pandemia mundial de Covid-19, a agenda deste mês será destinada à divulgação de programações online:



### Programa Quinzenal Reconexão

**Periferias** Terça- feira, às 17h (horário de Brasília). No canal da Fundação Perseu Abramo: [www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo](http://www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo)

### Projeto Crochetando Empoderando

com aulas de Muay Thai e defesa pessoal, brincadeiras infantis, conversas sobre crochê, saúde feminina e muito mais. Data: todos os domingos, das 15h às 18h. Local: Bairro Novo, no espaço do Serrana Esporte Clube - Serra Grande (BA)

**Finais para escolha dos representantes para a COPA DAS FAVELAS** (datas sujeitas a alterações). Mais informações em: <https://www.facebook.com/copadasfavelasslam>

### SLAM DA GUILHERMINA

Data: 10/09 às 20h. Ao vivo na página: <https://www.youtube.com/slamdaguilhermina>

### SLAM #PAREMDENOSMATAR

Data: 11/09 às 18h. Ao vivo na página: [www.facebook.com/juventudepretaviva](http://www.facebook.com/juventudepretaviva)

### SLAM CAPÃO

Data: 25/09 as 19h. Ao vivo na página: [www.instagram.com/slamcapao/](http://www.instagram.com/slamcapao/)

### SLAM USPERIFA

Data: 24/09 às 19h30

Ao vivo na página: <https://www.instagram.com/slamusperifa/>

### Grupo Rosas Periféricas apresenta atrações de setembro de projeto comemorativo de 10 anos

Espectáculo: Essa Gente que Menstrua - Com Coletiva FemiSistahs

Data: 11/09 às 20h

Transmissão: <https://www.facebook.com/rosas.perifericas/> e [Youtube](https://www.youtube.com/rosas.perifericas/)

### Espectáculo: Jardim Vertical

Com Grupo Pandora de Teatro

Data: 16/09, 18/09, 23/09 e 25/09 às 20h

Transmissão: [facebook.com/rosas.perifericas/](https://www.facebook.com/rosas.perifericas/) e [Youtube](https://www.youtube.com/rosas.perifericas/)

### SARAU DA ANTIGA 28 PERGUNTA

Com Gabriela Cerqueira, Michele Araújo, Monica Soares, Paulo Reis e Rogério Nascimento. Data: 11/09 às 17h com Sarau das Pretas (convidado) e 25/09 às 17h com Sarau Comungar (convidado)

Transmissão: <https://www.facebook.com/rosas.perifericas/> e [Youtube](https://www.youtube.com/rosas.perifericas/)

### Programa Voz da Mulher

produzido pela Associação Mulheres na Comunicação - Rádio Web Mulheres na Comunicação <https://www.mulheresnacomunicacao.com/>

Todos os sábados às 8h, retransmitido de segunda a sexta-feira: 6h, 13h, 19h e 23h . O programa está disponível no Spotify, Google Podcasts, Apple Podcasts e Anchor, no canal "Mulheres na Comunicação"

**Oficinas que serão oferecidas pelo Grupo Rosas Periféricas**

As inscrições serão abertas na segunda quinzena de setembro. Os interessados devem acompanhar as informações pelas redes sociais do Grupo Rosas Periféricas

**Oficina: Construção de Rima | Ministrante: Fanieh**

06 de outubro a 24 de novembro. Quartas, às 19h

**Oficina: Oficina de Passinho | Ministrante: Pablinho IDD**

07 de outubro a 25 de novembro. Quintas, às 19h

**Oficina: História do Funk | Ministrante: Renata Prado**

08 de outubro a 26 de novembro. Sexta, às 19h

**Espectáculo: Mercado Branco**

Com: A Companhia dos Ratos - @ciadosratos. Duração: 50 minutos. Gênero: comédia. Classificação indicativa: 12 anos. Temporada online. DATAS:

**Data: 17/09 e 18/09 às 21:00 e 19/09 às 19h** com Teatro Paulo Eiró  
Acompanhe ao vivo em: <https://www.facebook.com/teatropauloeiro>

**Data: 24/09 e 25/09 às 21:00 e 26/09 às 19h** com Teatro João Caetano. Acompanhe ao vivo em: <https://www.facebook.com/teatropopularjoaocaetano> e [Youtube](#)

**Data: 01/10 e 02/10 às 21:00 e 03/10 às 19h** com Teatro Arthur Azevedo. Acompanhe ao vivo em: <https://www.facebook.com/teatroarthurazevedosp/> e [Youtube](#)

**Data: 08/10 e 09/10 às 21:00 e 10/10 às 19h** com Teatro Cacilda Becker  
Acompanhe ao vivo em: <https://www.facebook.com/TeatroCacildaBeckerSP/> e <https://www.youtube.com/c/TeatroCacildaBecker>

**VII edição do AfroEducativa - Formações Pedagógicas Maria Felipa**

Data: 13/09 14/09 e 15/09 às 19h  
Inscrições: R\$ 60 (sessenta reais)  
<https://www.even3.com.br/afroeducativaformacaomariafelipa/>  
Maiores informações: 71 3506-3731 / 98290-5917 | [escolinhamariafelipa@gmail.com](mailto:escolinhamariafelipa@gmail.com)

**Funk Slam Quebrada Consciente**

Data: 11/09 às 18h: Centro Cultural da Juventude - São Paulo, SP  
Mais informações [aqui](#)

**e-book Mulheres Negras Resistem: território, raça/cor e gênero**

Disponível [aqui](#)

**Site Museu da Boa Esperança - Centro de Defesa Ferreira Sousa**

[www.museudaboaesperanca.org/](http://www.museudaboaesperanca.org/)

**Novas edições da Revista Sampa Mundi sobre Mulheres em Movimento na Zona Sul** Disponíveis: [www.sampamundi.com.br](http://www.sampamundi.com.br)

**Documentário "Relatos de uma pandemia nas periferias amazônicas"**

é o resultado de uma trajetória de registros audiovisuais produzidos pelo Coletivo Ponta de Lança - ação contemplada pela Chamada Pública do Projeto Reconexão Periferias, da Fundação Perseu Abramo em parceria da Friedrich-Ebert. Disponível [aqui](#)

## OPORTUNIDADES

Edital	Foco	Prazo	Link
31º PPP-ECOS: TIs na Amazônia Oriental	O Edital visa apoiar iniciativas de fortalecimento da gestão ambiental e territorial de Terras Indígenas (TIs) do Estado do Maranhão (MA) e Norte do Tocantins (TO), bem como a proteção dos seus entornos, garantindo o bem-viver indígena e a conservação da biodiversidade.	Até 30 de setembro de 2021	<a href="https://ispn.org.br/ispn-lanca-edital-de-apoio-financeiro-para-associacoes-indigenas-indigenistas-e-socioambientalistas-do-maranhao-e-norte-do-tocantins/">https://ispn.org.br/ispn-lanca-edital-de-apoio-financeiro-para-associacoes-indigenas-indigenistas-e-socioambientalistas-do-maranhao-e-norte-do-tocantins/</a>
Fundo Brasileiro para a Biodiversidade – Funbio - Amazônia e Cerrado	O Funbio convida organizações comunitárias que trabalhem com produtos da sociobiodiversidade a manifestarem interesse no apoio a iniciativas que contribuam para o fortalecimento de atividades produtivas sustentáveis nos biomas Amazônia e Cerrado.	Até 25 de setembro de 2021	<a href="https://www.funbio.org.br/chamadas-de-projetos/manifestacao-de-interesse-para-apoio-a-projetos-de-organicoes-produtivas-ligadas-a-sociobiodiversidade-na-amazonia-e-no-cerrado?id=33319">https://www.funbio.org.br/chamadas-de-projetos/manifestacao-de-interesse-para-apoio-a-projetos-de-organicoes-produtivas-ligadas-a-sociobiodiversidade-na-amazonia-e-no-cerrado?id=33319</a>
Microprojetos indígenas	Edital visa apoiar iniciativas locais individuais ou familiares que tenham como propósito complementar atividades produtivas tradicionais, combinadas com a conservação ambiental e os meios de vida das comunidades. Inscrições abertas até esgotamento do recurso total (R\$ 300 mil).	Inscrições contínuas	<a href="https://ispn.org.br/ispn-lanca-editais-de-microprojetos-e-de-bolsas-para-estudantes-indigenas-universitarios/">https://ispn.org.br/ispn-lanca-editais-de-microprojetos-e-de-bolsas-para-estudantes-indigenas-universitarios/</a>
8º Edição do Educar Para Transformar	A 8ª edição do Educar para Transformar foi idealizada para promover transformações por meio da educação, estimulando aprendizados e mudanças culturais em seus públicos diretos e indiretos. Este edital selecionará 5 (cinco) projetos de Organizações da Sociedade Civil (OSC) em parceria com escolas das redes públicas de ensino fundamental II e médio para participarem do programa ao longo de dois anos.	Até 10 de outubro de 2021	<a href="https://8educarpara-transformar.prosas.com.br/">https://8educarpara-transformar.prosas.com.br/</a>

<p>Restauração Florestal 2.000 hectares - Lote 1</p>	<p>Este edital tem como finalidade a contratação de serviços técnicos, científicos e operacionais referente à restauração florestal em 2.000 ha para atender parte do Programa de Recuperação das Áreas de Preservação Permanente (APP) e de Recarga Hídrica (ARH) degradadas da Bacia do Rio Doce.</p>	<p>Até 15 de setembro de 2021</p>	<p><a href="https://prosas.com.br/editais/9543-restauracao-florestal-2000-hectares-lote-1">https://prosas.com.br/editais/9543-restauracao-florestal-2000-hectares-lote-1</a></p>
<p>Programa Cultural da Empresas Eletrobras 2021</p>	<p>O Programa Cultural das Empresas Eletrobras Edição 2021, realizado por meio de processo seletivo transparente e isonômico, disponibilizará até R\$ 9.000.000,00 para patrocínio de projetos culturais nas áreas de Arte Cênicas, Patrimônio Cultural Material e Imaterial, Música e Museus e Memória. Somente poderão ser inscritos projetos que tenham sido aprovados no Programa Nacional de Apoio à Cultura - Pronac, até a data de lançamento deste edital (26/08/2021).</p>	<p>Até 17 de setembro de 2021</p>	<p><a href="https://prosas.com.br/editais/9704-programa-cultural-da-empresas-eletobras-2021">https://prosas.com.br/editais/9704-programa-cultural-da-empresas-eletobras-2021</a></p>
<p>Elas Avançam: Ambientes Prósperos para o Protagonismo Feminino</p>	<p>A partir do dia 1 de julho o Instituto Lojas Renner S.A. recebe, de forma contínua e ao longo de todo o ano, projetos aprovados na Lei de Incentivo ao Esporte e nos Fundos do Idoso e para a Infância e Adolescência, que fomentem o empoderamento feminino e que contribuam, de forma direta e/ou indireta, para a construção de um ambiente fértil para o seu protagonismo.</p>	<p>Inscrições contínuas</p>	<p><a href="https://prosas.com.br/editais/9048-elas-avancam-ambientes-prosperos-para-o-protagonismo-feminino">https://prosas.com.br/editais/9048-elas-avancam-ambientes-prosperos-para-o-protagonismo-feminino</a></p>

### **SLAM #PAREMDENOSMATAR**

Data: 11/09 às 18h

Ao vivo na página: <https://www.facebook.com/juventudepretaviva>

### **Sarau: Sarau da Antiga 28 Pergunta - Grupo Rosas Periféricas**

Data: 26/06 às 17:00

Convidado: SARAU ELO DA CORRENTE | Raquel Almeida, Douglas Silva e Guinniver. Com Gabriela Cerqueira, Michele Araújo, Monica Soares, Paulo Reis e Rogério Nascimento

Transmissão disponível em: [Facebook](#) e [Youtube](#)

### **Roda de conversa: As Mulheres e o Teatro - Grupo Rosas Periféricas**

**Convidada: Marta Baião**

Data: 30/06 às 20:00

Transmissão disponível em: [Facebook](#) e [Youtube](#)

### **Nebulosa websérie**

Data: até 14/06 às 20:00

Disponível em: [www.youtube.com/giovanicidreira](http://www.youtube.com/giovanicidreira)

### **Slam Resistência**

Data: 07/06 às 20:00

Disponível [aqui](#)

### **Slam Lusó**

Data: 16/06 às 18:00

Disponível em: <https://www.facebook.com/slamluso>